

# Entrevistas

Jorge Bruce<sup>1</sup>

Maria Inês Lamy<sup>2</sup>

Marilia Aisenstein<sup>3</sup>

---

## O que a psicanálise pode nos dizer sobre o tempo?

**Jorge Bruce**

A categoria do tempo é tão ubíqua quanto inacessível. No momento em que acreditamos tê-la encontrado, ela deixou de ser e de estar. Talvez isso ajude a entender o fato de que na psicanálise não há uma, mas várias, talvez muitas maneiras de compreender o tempo. Desde o aqui e agora – *hic et nunc* – até o lá e então. O tempo da sessão, uma das principais críticas de Lacan contra o modelo clássico do enquadramento, contém todas as variantes possíveis, o que tentarei explicar um pouco mais na resposta à segunda pergunta proposta pela **TRIEB**.

Permitam-me dar um exemplo retirado de um filme muito divertido, dirigido por Renny Harlin e concebido para grandes públicos. Em espanhol se intitula *Alerta en lo Profundo*<sup>4</sup>, título que traz consigo involuntárias conotações psicanalíticas. Em inglês, *Deep Blue Sea*. Trata-se de um filme sobre uns tubarões cuja inteligência foi multiplicada quando neles foram inoculados alguns compostos do cérebro humano, em um experimento para encontrar a cura contra o Alzheimer. Isso é, por si só, interessante no que tange à noção de tempo, pois os tubarões, no recinto fechado do laboratório no meio do mar, não so-

---

1. Psicanalista da Sociedade Peruana de Psicanálise.

2. Membro da Escola Brasileira de Psicanálise/AMP. Mestre em Psicologia PUC-Rio. Diretora da EBP/Seção Rio de Janeiro no biênio 2023-2025.

3. Psicanalista, membro didata da Sociedade de Psicanálise da Grécia e da Sociedade Psicanalítica de Paris.

4. O título brasileiro é *Do fundo do mar*. (N.T.)

mente desenvolvem sua inteligência, mas também uma capacidade de prever e de recordar inexistente em qualquer outra espécie que não a humana (veremos mais sobre esse ponto na resposta à segunda pergunta). Em uma das cenas em que os tubarões já romperam o cerco e estão caçando os pesquisadores para poder escapar, um cozinheiro e um engenheiro do MIT conversam.

Enquanto procuram com angústia encontrar uma maneira de sair desse lugar em que os papéis foram invertidos e em que eles foram transformados em prisioneiros, o cozinheiro explica para o engenheiro: “um minuto segurando um pedaço de carvão ardente pode parecer um século; uma hora fazendo amor com minha namorada pode parecer um segundo”. A isso o engenheiro responde: “em todos os anos que passei no MIT, nunca escutei um exemplo mais claro da teoria da relatividade”. Aqui, faço uma pequena digressão, pertinente para outra consideração acerca do que a psicanálise pode – ou deveria – nos dizer sobre o tempo. O cozinheiro, que é negro, responde algo assim (cito de memória, então isso pode ser de outra parte do filme): “o problema é que, nos filmes de brancos, o personagem negro sempre morre”. Cabe mencionar que o filme é de 1999. Desde então a diversidade vem ganhando espaço nos produtos audiovisuais.

A relação entre a questão do racismo e o tempo não é tão absurda como parece à primeira vista. A racialização, a discriminação e a segregação recorrem a mecanismos como a negação, o desmentido ou a alucinação negativa. No entanto, as vítimas desses processos de exclusão tanática também são expulsas do tempo. Em nossos países, é frequente que a presença dos discriminados pela racialização seja invisibilizada tanto no aqui e agora como no processo de historicização. A historiadora peruana Cecilia Méndez escreveu um ensaio intitulado “Incas sim, índios não: apontamentos para o estudo do nacionalismo criollo no Peru”<sup>5</sup>.

Este é um desafio que nós, psicanalistas, temos pendente. Encerro minha resposta com a seguinte pergunta: o que a psicanálise pode dizer-nos sobre o tempo que ela ainda não nos tenha dito? Penso que os problemas da América Latina proporcionam um material inédito para respondê-la.

---

5. Tradução nossa. No original, “Incas sí, indios no: Apuntes para el estudio del nacionalismo criollo en el Perú” (N.T.)

## Idioma original

### 1 - ¿Qué nos puede decir el psicoanálisis sobre el tiempo?

La categoría de tiempo es tan ubicua como inaccesible. En el momento en que creemos haberla encontrado, ha dejado de estar y de ser. Acaso eso ayude a entender que en el psicoanálisis no hay una sino varias, acaso muchas maneras de entender el tiempo. Desde el aquí y ahora *-hic et nunc-* hasta el otrora y allá. El tiempo de la sesión, una de las principales críticas de Lacan al modelo clásico del tiempo del encuadre, contiene todas las variantes posibles, lo cual intentaré responder un poco más en la segunda pregunta de *TRIEB*.

Permítanme poner un ejemplo tomado de una película, dirigida por Renny Harlin y pensada para grandes audiencias, muy entretenida. En español se titula *Alerta en lo Profundo*, título que conlleva involuntarias connotaciones psicoanalíticas. En inglés *Deep Blue Sea*. Se trata de un film sobre unos tiburones cuya inteligencia ha sido multiplicada inoculándoles algún compuesto del cerebro humano, en un experimento para encontrar una cura contra el Alzheimer. Esto es en sí mismo interesante en lo que hace a la noción de tiempo, pues los tiburones del recinto cerrado del laboratorio en medio del mar, no solo desarrollan su inteligencia sino una capacidad de prever y recordar inexistente en cualquier especie que no sea la humana (veremos este punto en la respuesta a la segunda pregunta). En una de las escenas en las que los escualos ya rompieron el encierro y están cazando a los experimentadores para poder huir, conversan un cocinero y un ingeniero del MIT.

El cocinero, mientras esperan con angustia encontrar una manera de salir de ese lugar en el que se han invertido los roles y son ellos los prisioneros, le explica al ingeniero: “un minuto sujetando un carbón ardiente puede sentirse como un siglo; una hora haciendo el amor con mi novia, puede parecer un segundo”. A lo que el ingeniero responde: “en todos los años que pasé en el MIT nunca escuché un ejemplo más claro de la teoría de la relatividad”. Aquí hago una pequeña digresión, pertinente para otra consideración acerca de lo que el psicoanálisis nos puede -o nos debería- decir acerca del tiempo. El cocinero, que es negro, responde algo así (cito de memoria, por lo que puede haber sido en otro pasaje del filme): “el problema es que en las películas de blancos, el personaje negro siempre muere”. Es oportuno mencionar que se trata de una cinta de 1999. Desde entonces la diversidad ha ido ganando terreno en los productos audiovisuales.

Lo del racismo y el tiempo no es tan jalado de los pelos como parece a primera vista. La racialización, la discriminación y la segregación, recurren a

mecanismos como la negación, la desmentida o la alucinación negativa. Pero también se expulsa del tiempo a las víctimas de esos procesos de exclusión tanática. En nuestros países de suele invisibilizar la presencia de los discriminados por la racialización tanto en el aquí y ahora, como en el proceso de la historización. La historiadora peruana Cecilia Méndez escribió un ensayo titulado “Incas sí, indios no: Apuntes para el estudio del nacionalismo criollo en el Perú”.

Este es un desafío que los psicoanalistas tenemos pendiente. Termine mi respuesta con esta pregunta: ¿Qué puede decirnos el psicoanálisis sobre el tiempo que no nos haya dicho todavía? Pienso que los problemas de Latinoamérica proporcionan un material inédito para responderla.

### **Maria Inês Lamy**

“Exu matou um pássaro ontem com a pedra que jogou hoje” – esse provérbio iorubá parece saído da obra freudiana. Em “Lembranças encobridoras” (1899/1962a), Freud revoluciona as noções de memória e de tempo. Ao contrário do que se poderia pensar, diz ele, é comum recordarmos não o essencial, nem mesmo o traumático, mas um detalhe aparentemente inócuo. E, tomando como exemplo uma lembrança de um suposto paciente seu de 38 anos (que James Strachey, editor da Standard Edition, nos revela ser o próprio Freud), acaba por concluir que a recordação vívida de um fato, a princípio insignificante, de sua infância mais remota (aos dois, três anos), havia sido, na verdade, construída por associação com acontecimentos e fantasias de seus 17 anos para dar conta das dificuldades pelas quais ele passava aos 20. Subvertendo totalmente a noção de tempo, é assim que o inconsciente funciona – na contramão da ordem cronológica, por retroação, *só depois* podemos saber o que terá acontecido ou mesmo o que teremos sido.

Em “A interpretação dos sonhos” (1900/1962b), Freud dá o nome de atemporalidade à relação do inconsciente com o tempo, já que, na chamada “via régia para o inconsciente”, personagens e lembranças dos mais diversos tempos podem-se associar. Ademais, Freud está, com isso, frisando o caráter indestrutível do desejo – sempre presente, sempre pronto a eclodir, desde sempre.

Retroação e atemporalidade – dois modos de o inconsciente se mover no tempo.

Se o inconsciente é atemporal e subversivo à cronologia, obedece, no entanto, com fidelidade às suas próprias leis. Ignora a simples contiguidade

no tempo, mas não escapa de ter sempre como motor a força incessante do desejo, que, para se manifestar, se utiliza de significantes<sup>6</sup>.

### Marília Aisenstein

Essa é uma questão muito difícil. A complexidade reside na interrelação entre um dado ontológico, relativo à essência do tempo como dado do ser, e a questão metafísica da busca pelo princípio e suas causas, aquilo que a filosofia denomina como “transcendência” das coisas em si mesmas. Para Kant, o tempo é um “*a priori* transcendental”.

A noção de vida é intrinsecamente relacionada ao tempo, posto que ela implica um começo e um fim, a historicidade da vida psíquica e da vida orgânica. Consequentemente, não se pode pensar o psiquismo sem o dado *a priori* do “tempo”.

O tempo é uma realidade espacialmente mensurável. O sol se levanta e se põe em horas definidas, que podem ser cronometradas e que se repetem. Mas o tempo vivido é subjetivo. A “realidade psíquica” tempo não coincide necessariamente com o tempo real. Um minuto pode parecer uma eternidade e um mês pode passar como cinco segundos. Segundo André Green, o inconsciente ignora o tempo e a consciência ignora esse desconhecimento do inconsciente (Green, 2007, pp. 78-84).

Uma anedota clínica: um paciente havia feito o que se pode chamar de “uma bela análise” de nove anos. Eu começava a pensar que poderíamos terminá-la, mas o paciente nunca evocava um fim possível. Enquanto eu me perguntava como poderia falar-lhe a respeito disso, ele chega um dia, deita-se no divã e me diz: “seu gato envelheceu”. Interessada, eu respondo: “sim, não só meu gato, mas talvez também você e eu”. Ele fica em silêncio por um longo momento e então me diz: “É incrível, me dei conta de repente que já faz anos que venho aqui. Achei que ficaria aqui eternamente”. Isso me permite acrescentar: “A eternidade não existe; tudo tem um começo e um fim, até mesmo uma análise.”

---

6. “São as *gotas* que ligam as pérolas do colar ao catarro do pai e ao corrimento de Dora; o *amarelo* do vestido da adolescente se une ao *amarelo* das flores da infância, na lembrança encobridora; ou ainda é o *branco* dos lobos que leva às roupas *brancas* no caso do Homem dos Lobos.” Assim como esta citação, outras ideias aqui expostas foram retiradas do texto: Lamy, M. I. (2000). O tempo em psicanálise. *Cadernos de Psicanálise SPCRJ*, 16(19).

Partindo desse pequeno exemplo, eu acrescentaria que o encontro entre o tempo como realidade mensurável e o tempo subjetivo de um sujeito é, a meu ver, símbolo da castração. Esse encontro representa a lei à qual todo ser humano pode apenas se submeter.

O que a psicanálise pode nos ensinar sobre o tempo? O poeta Borges comparou o tempo a um rio que nos carrega, mas que também está dentro de nós.

O tempo não é um conceito metapsicológico; não há uma teoria freudiana do tempo e, no entanto, o tempo rege nossa vida psíquica, nem que seja por meio do conflito entre o desejo de mudança e a compulsão à repetição, sobre a qual André Green escreveu que representa o “assassinato do tempo” (Green, 2007).

Para Freud, nossa morte, e então o tempo, não existem no inconsciente; o sonho é, assim, “anacrônico”, pois todos os tempos nele se manifestam. Eu diria que a psicanálise, enquanto corpus científico, nada nos ensina sobre o tempo ao qual ela está submetida, como todo ser e mesmo todas as coisas – até mesmo as pedras envelhecem. A questão psicanalítica é tentar compreender como, isto é, através de quais mecanismos, pode se instalar uma temporalidade, a fortiori sempre subjetiva, no psiquismo da criança?

No meu entendimento, a resposta deve ser procurada através da concepção freudiana do masoquismo erógeno primário. Descrito em 1924 em *O problema econômico do masoquismo*, esse masoquismo primário é um estágio muito precoce (assim como o narcisismo primário) em que se dá a imbricação das duas pulsões, e onde o recém-nascido vai, graças ao trabalho psíquico da mãe, passar da necessidade do leite ao desejo da mãe.

Se tomarmos o exemplo do bebê que tem fome: a fome é uma necessidade que, graças à inscrição do traço mnêmico da satisfação, vai se transformar em desejo. Há uma primeira passagem, da necessidade de leite para o desejo do seio, sucedida de uma segunda passagem, da expectativa do seio à do objeto-mãe. Essas passagens implicam trabalho psíquico. Como no sonho, mas em estado de vigília, a criança que tem fome vai alucinar, imaginar sua mãe que chega, o que implica um tempo de espera. Para que essa espera seja tolerável, é preciso que ela seja masoquistamente investida.

A partir da ligação entre a libido, enquanto força que impele, e a pulsão de morte, enquanto movimento que desata e imobiliza, o masoquismo primário permite a integração dessa capacidade de espera. Isso se realiza, evidentemente, graças à mãe.

Uma mãe “suficientemente boa” é aquela que, através das suas palavras, saberá fazer o bebê esperar: “espere, meu bebê, vou pegar você no colo, mas não agora... você vai ter sua mamadeira já já...” Ela envolve a criança com palavras, oferece-lhe representações de palavras e de coisas. Ela permite, assim, à criança viver uma expectativa que implica a confiança no objeto.

Para mim, é a integração dessa capacidade de esperar que permite ao psiquismo da criança o acesso a uma temporalidade inicialmente subjetiva, que a realidade material confrontará mais tarde com o tempo objetivo e mensurável.

## Idioma original

### 1-Que peut nous dire la psychanalyse sur le temps ?

Il s’agit d’une question très difficile, la complexité réside dans les interrelations entre une donnée ontologique, soit touchant à l’essence du temps comme donnée de l’être, et à la question métaphysique de la recherche du principe et de ses causes ; Ce que la philosophie nomme « transcendance » des choses en elles-mêmes. Pour Kant le temps est un « à priori transcendantal ».

La notion de vie est intrinsèquement corrélée au temps puisqu’ elle implique un début et une fin et l’historicité de la vie psychique et de la vie organique.

On ne peut par conséquent pas penser le psychisme sans l’ à priori de la donnée « temps ».

Le temps est une réalité spatialement mesurable, le soleil se lève et se couche à des heures définies qui peuvent être chronométrées et se répètent. Mais le temps vécu est lui subjectif. La « réalité psychique » temps ne coïncide pas forcément avec le temps réel. Une minute peut sembler une éternité et un mois peut passer comme cinq secondes. Selon André Green l’inconscient ignore le temps et la conscience ignore cette méconnaissance de l’inconscient (Green, 2007, pp. 78-84).

Une anecdote clinique : un patient avait fait ce qu’on peut nommer « une belle analyse » de 9 ans. Je commençais à me dire que nous pourrions terminer mais le patient n’évoquait jamais une fin possible. Alors que je me demandais comment lui en parler il arrive un jour, s’étend sur le divan et me dit « Votre chat a vieilli ».

Intéressée je lui réponds « Oui mais pas seulement mon chat mais peut-être aussi vous et moi ».

Il se tait longuement puis me dit « C'est incroyable, je réalise soudain que cela fait des années que je viens. Je me croyais installé ici pour l'éternité ».

Ce qui me permet d'ajouter « l'éternité n'existe pas, ; tout a un début et une fin, même une analyse. »

Me fondant sur ce court exemple j'ajouterais que la rencontre du temps= réalité mesurable avec le temps subjectif d'un sujet est à mes yeux le symbole de la castration. Cette rencontre représente la loi à laquelle tout humain ne peut que se soumettre.

Que peut nous enseigner la psychanalyse sur le temps ? Le poète Borges a comparé le temps à un fleuve qui nous emporte mais nous est aussi intérieur.

Le temps n'est pas un concept métapsychologique, il n'y a pas de théorie Freudienne du temps et pourtant le temps régit notre vie psychique si ce n'est qu'au travers du conflit entre le désir de changement et la compulsion de répétition dont André Green a écrit qu'elle représente le « meurtre du temps » (Green, 2007).

Pour Freud nôtre mort, donc le temps, n'existent pas dans l'inconscient d'ailleurs le rêve est « achronique » tous les temps s'y déploient. Je dirai que la psychanalyse tant que corpus scientifique ne nous enseigne rien sur le temps auquel elle est soumise comme tout être et même toute chose. Même les pierres vieillissent.

La question psychanalytique est de tenter de comprendre comment, c'est-à-dire au travers de quels mécanismes, peut s'installer une temporalité, à fortiori toujours subjective, dans le psychisme de l'enfant ?

A mon sens la réponse est à chercher au travers de la conception Freudienne du masochisme érogène primaire. Décrit en 1924 dans *Le Problème économique du Masochisme* ce masochisme primaire est un stade très précoce (à l'instar du narcissisme primaire) qui permet l'intrication des deux pulsions et où le nouveau-né va, grâce au travail psychique de la mère, passer du besoin de lait au désir de la mère.

Si nous prenons en effet l'exemple du bébé qui a faim : la faim est un besoin qui grâce à l'inscription de la trace mnésique de la satisfaction va se transformer en désir. Il y a un premier passage : du besoin de lait au désir du sein suivi d'un second passage de l'attente du sein à celle de l'objet-mère. Ces passages impliquent du travail psychique. Comme dans le rêve, mais à l'état de veille, l'enfant qui a faim va halluciner, imaginer, sa mère qui arrive ce qui implique un délai d'attente. Or pour que cette attente soit tolérable il faut qu'elle soit masochiquement investie.



De par la liaison de la libido= force qui pousse et de la pulsion de mort=-mouvement qui délie et immobilise, le masochisme primaire permet l'intégration de cette capacité d'attente. Ceci se fait évidemment grâce à la mère.

Une mère « suffisamment bonne » est celle qui au travers de ses mots saura faire attendre l'enfant, « attend mon bébé, je vais te prendre dans mes bras mais pas tout de suite... tu auras le biberon dans pas longtemps... » Elle enveloppe l'enfant avec des mots lui donne des représentations de mots et de choses. Elle lui permet ainsi une attente qui implique la confiance dans l'objet.

Pour moi c'est l'intégration de cette capacité d'attendre qui permet au psychisme de l'enfant l'accès à une temporalité, d'abord subjective que la réalité matérielle confrontera plus tard au temps objectif et mesurable.

**2. Um processo psicanalítico se desdobra em múltiplas temporalidades. Do aqui e agora, da rememoração, da espera, da repetição, do instante, da construção, do tempo da sessão, da continuidade, do ritmo. Como a compreensão do tempo pode influenciar uma análise?**

**Jorge Bruce**

Sobre essa pergunta da *TRIEB*, começarei dizendo que, para mim, a noção de *après-coup*, ressaltada pela psicanálise francesa, é essencial. Laplanche enfatiza que são necessários, em primeiro lugar, dois tempos para constituir um traumatismo psíquico, “a saber, o tempo do evento que deposita o seu traço e o tempo do seu revivescimento de origem interna” (Laplanche citado por Mijolla, 2005, p. 140). Porém, mais adiante, na mesma entrada sobre o conceito no *Dicionário Internacional da Psicanálise*, dirigido por Allain de Mijolla, Laplanche acrescenta um terceiro tempo:

Em vez de considerar somente o vetor temporal bipolar, ligando a criança ao adulto em que ela se tornou, convém adicionar-lhe um terceiro termo, exterior ao sujeito, a mensagem do outro adulto que se impõe à criança e que esta tem de traduzir. Sem dúvida, a noção de tradução seria suscetível de fornecer uma elucidação renovada do *a posteriori* [*après-coup*] freudiano (Laplanche citado por Mijolla, 2005, p. 141)

Cabe dizer que o tempo da sessão psicanalítica também não é unívoco, e que a petição de Bion de analisar sem desejo nem memória é, em larga medida, uma petição de princípio. André Green admirava um poema de Borges, ele

que analisou no último ensaio de seu livro *La Déliaison* (que se poderia traduzir como *A desvinculação*), intitulado “Le Progrès et L’Oubli” (“O progresso e o esquecimento”). Trata-se de “El Otro Tigre” (“O outro tigre”<sup>7</sup>). É um poema esplêndido e de uma profundidade insondável. Borges também faz alusão a três tempos: o tempo do tigre “(seu mundo não tem nomes nem passado, / nem há futuro, só um instante certo.)”.

Na segunda estrofe, Borges nos apresenta um segundo tempo ou registro: “Corre a tarde em minha alma e eu pondero / que o tigre vocativo de meu verso / é um tigre de símbolos e sombras, / uma série de tropos literários / e de *memórias* da enciclopédia” (grifo meu).

Vale a pena citar *in extenso* a terceira (não é por acaso que o poema esteja dividido assim) e última estrofe do poema:

*Procuraremos um terceiro tigre.  
Como os outros, também será uma forma  
de meu sonho, um sistema de palavras  
humanas, não o tigre vertebrado  
que, para além dessas mitologias,  
pisa a terra. Bem o sei, mas algo  
me impõe essa aventura indefinida,  
insensata e antiga, e persevero  
em procurar pelo tempo da tarde  
o outro tigre, o que não está no verso.*

André Green comenta o poema de Borges. Tem o cuidado de salientar que não pretende analisar Borges (com quem teve uma conversa pessoal), mas que, pelo contrário, foi Borges, com seu texto, que o interpelou. “Meu interesse por esse poema”, comenta Green, “provinha de que sua metáfora me parecia recobrir todos os paradoxos da psicanálise”.

Green destaca especificamente as representações de coisa e palavra, mas não tenho dúvidas de que outro paradoxo psicanalítico inscrito no poema é o dos tempos em que transcorre nosso trabalho. Tempos que não são estáticos, ainda que o trauma e a compulsão à repetição, tudo o que faz o trabalho do ne-

---

7. Borges, J.L. (1960/2008). “O outro tigre”. In: *O fazedor*. Trad. Josely Vianna Baptista, pp.98-101. Cia das Letras. (N.T.)

gativo e da pulsão de morte, tentem congelá-lo, como um tigre dente-de-sabre agachado no mais profundo da filogênese, tal como o demonstra o medo do escuro de todas as crianças do planeta (pois, antes do descobrimiento do fogo, os homínidos eram a presa desse predador pré-histórico).

É interessante que a noção freudiana de *Nachträglichkeit* seja tão difícil de traduzir para outros idiomas. Foi Lacan quem primeiro tomou consciência do lugar fundamental desse termo no processo analítico. As novas experiências, como sublinham Laplanche e Pontalis em seu *Vocabulário*, permitem acceder, especialmente por meio do trabalho analítico, a um novo sentido, a uma eficácia psíquica. Não estamos condenados à repetição dantesca do ciclo destrutivo do traumático.

### Idioma original

**2.Un proceso psicoanalítico se despliega en múltiples temporalidades. Del aquí y ahora, del recuerdo, de la espera, de la repetición, del instante, de la construcción, del tiempo de la sesión, de la continuidad, del ritmo... ¿Cómo puede influir la comprensión del tiempo en un análisis?**

Sobre esta pregunta de *TRIEB* comenzaré diciendo que para mí la noción, resaltada por el psicoanálisis francés, de *après-coup* es esencial. Laplanche enfatiza que se requieren, en primera instancia, dos tiempos para constituir un trauma psíquico, “a saber, el tiempo del acontecimiento que deja su huella y el tiempo de la reviviscencia de origen interno”. Pero más adelante, en la misma entrada sobre el citado concepto en el *Dictionnaire International de la Psychanalyse* dirigido por Allain de Mijolla, Laplanche añade un tercer tiempo: “En lugar de tomar en cuenta solamente el vector temporal bipolar, que enlaza al niño con el adulto, conviene agregar un tercer término, exterior al sujeto, el mensaje del otro adulto que se impone al niño y que éste debe traducir. Sin duda, la noción de traducción podría aportar una aclaración nueva al *après-coup* freudiano.” (La traducción del francés es mía).

Huelga decir que el tiempo de la sesión psicoanalítica tampoco es unívoco, y que la petición de Bion de analizar sin deseo ni memoria, es en buena cuenta una petición de principio. André Green admiraba un poema de Borges, el cual analizó en su libro *La Déliason* (podría traducirse como La Desvinculación), en el último ensayo titulado *Le Progrès et L'Oubli* (El Progreso y el Olvido). Se trata de El Otro Tigre. Es un poema espléndido y de una profundidad

insondable. Borges alude también a tres tiempos: el tiempo del tigre “(En su mundo no hay nombres ni pasado/Ni porvenir, solo un instante cierto.)”.

En la segunda estrofa, Borges nos presenta un segundo tiempo o registro: “Cunde la tarde en mi alma y reflexiono/Que el tigre vocativo de mi verso/Es un tigre de símbolos y de sombras/Una serie de tropos literarios/Y de *memorias* de la enciclopedia (las cursivas son mías).

Vale la pena citar *in extenso* la tercera (no es casualidad que el poema esté dividido así) y última estrofa del verso:

*Un tercer tigre buscaremos. Éste  
Será como los otros una forma  
De mi sueño, un sistema de palabras  
Y no el tigre vertebrado  
Que, más allá de las mitologías  
Pisa la tierra. Bien lo sé, pero algo  
Me impone esta aventura indefinida,  
Insensata y antigua, y persevero  
En buscar por el tiempo de la tarde  
El otro tigre, el que no está en el verso.*

André Green comenta el poema de Borges. Se cuida muy bien de precisar que no pretende analizar a Borges (con quien había tenido una conversación personal), sino que, a la inversa, fue Borges con su texto quien lo interpeló a él. “Mi interés por ese poema, comenta Green, venía de que su metáfora me parecía recubrir todas las paradojas del psicoanálisis.”

Green menciona específicamente las representaciones de cosa y palabra, mas no tengo duda de que otra paradoja psicoanalítica inscrita en el poema es la de los tiempos en los que transcurre nuestro quehacer. Tiempos que no son estáticos, aunque el trauma y la compulsión de repetición, todo lo que hace al trabajo de lo negativo y la pulsión de muerte, intenten congelarlo como un tigre dientes de sable agazapado en lo más profundo de la filogénesis, tal como lo demuestra el miedo a la oscuridad de todos los niños del planeta (pues antes del descubrimiento del fuego los homínidos éramos la presa de ese depredador prehistórico).

Es interesante que la noción freudiana de *Nachträglichkeit* sea tan difícil de traducir a otros idiomas. Fue Lacan quien primero se percató del lugar fundamental de dicho término en el proceso analítico. Las nuevas experiencias, como

subrayan Laplanche y Pontalis en su Vocabulario, permiten acceder, en particular mediante el trabajo analítico, a un nuevo sentido, a una eficacia psíquica. No estamos condenados a la repetición dantesca del ciclo destructivo de lo traumático.

### **Maria Inês Lamy**

De fato, há múltiplas temporalidades no processo analítico. A partir da constatação de que não é a cronologia que comanda nossa vivência do tempo, Lacan propôs o tempo lógico. Diz ele que há um tempo próprio de emergência do inconsciente, uma pulsação, um movimento de abertura e fechamento. O inconsciente se abre a cada vez em que se produz uma formação do inconsciente, por vezes em forma de tropeço – e cabe ao analista, nestes instantes fugazes, sem perda de tempo, aí intervir com seu ato, qualquer que ele seja, sob o risco de deixar passar o que importa e compactuar com o adiamento neurótico.

À sequência linear e sucessiva do tempo cronológico, Lacan (1998a) opõe a pulsação do tempo lógico, que ele divide em três momentos:

- o instante de ver – definido como um instante de fulguração;
- o tempo para compreender – tempo de elaboração e;
- o momento de concluir – em que a pressa e a urgência levam à conclusão.

Esses três tempos podem ser pensados a respeito de qualquer fatia em que se escolha repartir a análise: seja o intervalo desde a ideia de procurar um analista até a chegada ao consultório; ou o período de todo o processo analítico; ou ainda o tempo de duração de uma sessão. Tempo, pois, de funcionamento do inconsciente, mas, também tempo a ser aproveitado, ou melhor, ocasionado pelo analista que, com seu ato, provoca a emergência do desejo.

Ao eterno adiamento do neurótico (“ainda não”) ou à lamentação e revolta neuróticas (“não dá mais tempo”), Lacan propõe a função da pressa, a urgência em concluir, o corte. O analista, com seu ato, intervindo nas associações significantes do paciente, pontua, frisa, sublinha a emergência do desejo. Testemunhando o valor da função da pressa, Luiz Fernando Veríssimo, bem-humorado, respondeu sem pestanejar sobre a musa inspiradora de seus textos: “O prazo!”.

Lacan, ao frisar a função da urgência, não está distante de Freud que, em seu belo texto “Sobre a transitoriedade” (1916[1915]/1962c), discorre sobre a finitude do tempo em seu aspecto de limite último, castração. Diz Freud que a transitoriedade e a iminência da perda podem provocar desolação e revolta, como em seu companheiro de passeio, um jovem poeta que, prevendo a chegada do inverno, se impede de usufruir da beleza da primavera. Ou, ao contrário,

a condição efêmera proporciona o luto pelo objeto perdido, que possibilita a substituição e o relançamento do desejo. É por não serem perenes que os objetos adquirem valor. É por não ser eterna que a vida nos é tão cara.

Quando afirma que a repetição nunca é do mesmo, Lacan (1963-64/1979) aponta um caminho para o trabalho analítico. Na contramão da insistência neurótica no igual, a modo de um “já conheço os passos dessa estrada”<sup>8</sup>, cabe ao analista pinçar o que surge de novo, abrindo espaço para a contingência, para a surpresa. As marcas traumáticas não desaparecerão, mas o modo de lidar com elas pode mudar, um “saber fazer” é inventado.

## Marília Aisenstein

Parece-me que a minha resposta um pouco longa à primeira questão já propôs elementos de resposta para essa segunda pergunta.

Sim, é evidente que todo processo analítico se desenvolve em temporalidades diversas, até por vezes contraditórias. É perfeitamente compreensível, já que o tempo não existe no inconsciente, e que ele é, por outro lado, imposto na sua estrita realidade mesurável pelo quadro analítico.

A análise induz à regressão sob suas distintas formas: temporal, tópica, formal. A regressão implica um *vai-e-vem* entre o passado e o presente, entre a palavra e a imagem. Compreende-se então a carga emocional que toma o analisando e que se estabelece nas sessões. A regra fundamental obriga o paciente a converter a totalidade do seu mundo psíquico e somático em linguagem. Se refletirmos sobre isso, trata-se de um constrangimento, de uma violência incontestável.

Além disso, a compulsão à repetição, que procura abolir, imobilizar a temporalidade, entra em conflito com o processo de transformação que permanece o objetivo verdadeiro de uma cura analítica.

No curso de uma análise, movimentam-se temporalidades muito diferentes; os retornos do recalcado são irrupções do passado no presente. A transferência carrega também reminiscências de histórias longínquas e soterradas.

À questão de saber como a compreensão do tempo poderia influenciar uma psicanálise, eu diria que o psicanalista é o garantidor do tempo real e mensurável, ao qual também ele é submetido enquanto portador do quadro analítico. Parece-me que cabe ao analista reintroduzir o tempo real no “tempo

---

8. “Retrato em branco e preto” (1968), letra de Chico Buarque e melodia de Tom Jobim.

fora-do-tempo” da cura. No entanto, ele pode também provocar por suas interpretações choques do encontro entre passado, por vezes traumático, esquecido, e a evolução atual da cura.

De fato, eu diria que a prática da psicanálise, tanto para o paciente como para o psicanalista, nos confronta com tempos diferentes, contraditórios. Em uma palavra, com um tempo “explodido” tal qual magistralmente mencionado por André Green (2000).

## Idioma original

### **2. Un processus psychanalytique se déploie dans de multiples temporalités. D’ici et maintenant, du souvenir, de l’attente, de la répétition, de l’instant, de la construction, du temps de séance, de la continuité, du rythme... Comment la compréhension du temps peut-elle influencer une analyse ?**

Il me semble que ma réponse un peu longue à la première question a déjà proposé des éléments de réponse à cette seconde question.

Oui il est évident que tout processus analytique se déploie dans des temporalités diverses, voire parfois contradictoires. C’est parfaitement compréhensible puisque le temps n’existe pas dans l’inconscient et qu’il est d’autre part imposé dans sa stricte réalité mesurable par le cadre.

L’analyse induit la régression sous ses formes diverses : temporelle, topique, formelle. La régression implique des allers-retours entre passé et présent, entre le mot et l’image. On comprend dès lors la charge émotionnelle qui emporte l’analysant et se déploie dans les séances. La règle fondamentale, elle, oblige le patient à convertir la totalité de son monde psychique et somatique en langage. Si l’on y réfléchit il s’agit d’une contrainte d’une violence incontestable.

De plus la compulsion de répétition, qui cherche à abolir, immobiliser la temporalité, entre en conflit avec le processus de changement qui reste le véritable but d’une cure analytique.

Au cours d’une analyse des temporalités très différents se bousculent ; les retours du refoulé sont des irruptions du passé dans le présent. Le transfert lui amène aussi des réminiscences d’histoires lointaine et enfouies.

A la question de savoir comment la compréhension du temps pourrait-elle influencer une psychanalyse je dirais que le psychanalyste est le garant du temps réel et mesurable auquel d’ailleurs il est lui-aussi soumis, entant que porteur du cadre.

Il me semble qu'il revient à l'analyste de réintroduire le temps réel dans le « temps hors-temps » de la cure. Par contre il peut aussi provoquer de par ses interprétations des chocs de la rencontre entre passé parfois traumatique, oublié et l'évolution actuelle de la cure.

De fait je dirais que la pratique de la psychanalyse, pour le patient comme pour le psychanalyste, nous confronte à des temps différents, contradictoires, en un mot à un « temps éclaté » tel qu'en a magistralement parlé André Green (2000).]

**3.Nós psicanalistas costumamos nos dizer “em permanente formação”. Entretanto, pareceria que o nosso tempo corre mais devagar que o tempo do mundo, da história e da cultura. Estariam as formações psicanalíticas – as da IPA e tantas outras – preparadas para as transformações pelas quais o mundo vem passando?**

**Jorge Bruce**

Não. Nossas instituições não estão preparadas para a aceleração frenética das mudanças no mundo. Na verdade, nunca estiveram, o que não significa que devemos nos adaptar a essa mutação acelerada. Nosso método oferece um espaço inestimável para a reflexão, para preservar a cocção a fogo baixo, para saltarmos dessa montanha-russa de emoções imperativas e, em última análise, angustiantes e carentes de sentido. Mesmo assim, nossa preservação desse tempo capaz de resistir às exigências de um mundo capturado pela pressa não significa ignorar que nossos locais de trabalho pertencem a esse mundo, a esse tempo, a essas transformações.

Não podemos pretender existir à margem da realidade material, do ruído do tempo, como se intitula um romance de Julian Barnes (*The noise of time*) sobre Shostakovich, que viveu na era de Stalin. Diferentemente de Stravinski, que saiu da Rússia e se opôs à ditadura stalinista, Shostakovich fez grandes concessões. No entanto, essas concessões se deram no espaço político – ele presidiu a associação de compositores russos –, mas não em sua música, que foi sempre revolucionária.

É preciso trabalhar nesse espaço transicional entre a realidade psíquica e a material. Os Botella diziam sobre o objeto: *Toujours dedans, aussi dehors*. Sempre dentro, também fora. Os recentes Comitês da IPA, como os da IPA na Comunidade e no Mundo, de cujo *Response Team* (Time de resposta) me orgulho de participar, nos indicam o caminho. Um destes comitês, por exemplo, é o de Preconceitos, Discriminação e Racismo, presidido por Abel Fainstein.



Não obstante, essas novas organizações no interior da IPA não são necessariamente bem-vistas pelo *mainstream* das instituições psicanalíticas. Algo como: “muito bom, mas isso não é psicanálise”. Esse é precisamente o ponto cego. Tentar ignorar que a sociedade em que vivemos é como o *terroir* em que crescem as vinhas das quais sairá o vinho. O Tannat uruguaio, por exemplo, é uma cepa que cresce em solo pedregoso, como o Pinot Noir. Esse vinho é uma maravilha, mas não seria possível se a uva não saísse das parreiras que crescem nesse solo, com essas características.

Nós, latino-americanos, temos a responsabilidade e a oportunidade de produzir uma psicanálise enraizada na nossa realidade única. Problemática, difícil como um terreno acidentado, mas da qual pode sair um produto original e valioso, desde que não nos alienemos diante da pressão das transformações do mundo, nem a ignoremos. Menos ainda cair na compulsão da repetição dos modelos importados dos grandes centros de produção intelectual, mas construindo uma psicanálise própria, estreitamente vinculada à nossa cultura e à nossa realidade.

## Idioma Original

**3. Los psicoanalistas tendemos a decir que estamos “en formación permanente”. Sin embargo, pareciera que nuestro tiempo corre más lento que el tiempo del mundo, de la historia y de la cultura. ¿Estarían preparadas las formaciones psicoanalíticas -las de la IPA y tantas otras- para las transformaciones por las que atraviesa el mundo?**

No. Nuestras instituciones no están preparadas para la aceleración frenética del cambio en el mundo. Lo cierto es que nunca lo han estado. Lo cual no significa que debamos adaptarnos a esa mutación acelerada. Nuestro método ofrece un espacio invaluable para la reflexión, para preservar la cocción a fuego lento, para bajarnos de esa montaña rusa de emociones imperativas y, en última instancia angustiosas y carentes de sentido. Sin embargo, nuestra preservación de ese tiempo capaz de resistir a las exigencias de un mundo atrapado por la premura, no significa desconocer que nuestros recintos de trabajo pertenecen a ese mundo, a ese tiempo, a esas transformaciones.

No podemos pretender existir al margen de la realidad material, del ruido del tiempo, como se titula una novela de Julian Barnes (*The Noise of Time*) sobre Shostakovich, quien vivió la era de Stalin. A diferencia de Stravinski,

quien salió de Rusia y se opuso a la dictadura estalinista, Shostakovich hizo grandes concesiones. No obstante, esas concesiones se dieron en el espacio político -presidió la asociación de compositores rusos-, pero no en su música, que siempre fue revolucionaria.

Es preciso trabajar en ese espacio transicional entre la realidad psíquica y la material. Los Botella decían sobre el objeto: *Toujours dedans, aussi dehors*). Siempre adentro, también afuera. Los recientes comités de la IPA como el de La IPA en la Comunidad y en el Mundo, a cuyo *Response Team* (Equipo de respuesta) me honro en pertenecer, nos indican el camino. Uno de estos comités, por ejemplo, es el de Prejuicios, Discriminación y Racismo, presidido por Abel Fainstein.

No obstante, estas nuevas organizaciones al interior de la IPA no necesariamente son bien vistas por el *mainstream* de las instituciones psicoanalíticas. Algo así como, está muy bien, pero eso no es psicoanálisis. Ese es precisamente el punto ciego. Pretender ignorar que la sociedad en la que vivimos es algo así como el *terroir* en el que crecen las viñas de las que saldrá el vino. El Tannat uruguayo, por ejemplo, es una cepa que se da en terreno pedregoso, similar al del *Pinot Noir*. Ese vino es una maravilla, pero no sería factible si la uva no saliera de las parras que crecen en ese terreno, con esas características.

Los latinoamericanos tenemos la responsabilidad y la oportunidad de producir un psicoanálisis enraizado en nuestra realidad única. Problemática, difícil como un terreno agreste, pero de la cual puede salir un producto original y valioso, a condición de no alienarnos ni ante la presión de las transformaciones del mundo, ni ignorarlas. Menos aún caer en la compulsión de repetición de los modelos importados de los grandes centros de producción intelectual, sino construyendo un psicoanálisis propio, en estrecha vinculación con nuestra cultura, con nuestra realidad.

## **Maria Inês Lamy**

Essa questão, da qual não podemos nos esquivar, é extremamente importante e complexa. Freud não se absteve de pensar as exigências e vicissitudes de seu tempo e as discutiu em alguns textos fundamentais: “Considerações contemporâneas sobre a guerra e a morte”, “Psicologia das massas e análise do eu”, “O futuro de uma ilusão”, “O mal-estar na civilização” etc.

Aprendemos com Freud que devemos nos deixar guiar pelos princípios da psicanálise, mas não sem colocá-los à prova, à luz dos desafios da “subjetividade

da época” (Lacan, 1998b), que se apresenta como resposta às formas de emergência do real. Tarefa complexa e desafiadora – cabe à psicanálise pensar o mal-estar de seu tempo, sem perder de vista seus princípios, o que implica não se colar às explicações oriundas de outros campos. Levando em conta o que as observações sociais nos apontam, impõe tentar extrair o viés propriamente psicanalítico.

Segundo Lacan (1998b), é preciso que o psicanalista “conheça bem a espiral a que o arrasta sua época na obra contínua de Babel, e que conheça sua função de intérprete na discórdia das línguas” (p. 322). A vida no nosso tempo – com diferentes línguas, bolhas e coletivos – constitui nossa matéria de trabalho.

Em 1967, de forma profética, Lacan (2003) apontou a segregação dos tempos que viriam e, em “O triunfo da religião” (2005), indicou que a religião, como produção de sentido, seria inesgotável. “O real vai avançar e a religião se tornará mais forte” (p. 79). Hoje, além do acirramento da segregação – racial, de classe e de gênero – convivemos com o fenômeno do negacionismo e com o fanatismo religioso.

Todos esses aspectos desafiam os psicanalistas e nos convocam ao trabalho.

### **Marilia Aisenstein**

Parece-me que essas duas últimas questões são duas faces de uma mesma pergunta. De fato, somos hoje constringidos a nos questionarmos sobre o que pode se tornar a psicanálise, esse lento trabalho de desenterramento de um passado recalcado ou afastado, trabalho que privilegia a “via longa”, indicada por Freud em 1911 nas *Formulações sobre os dois princípios do curso dos eventos psíquicos* (Freud, [1912] 1984), em um momento da história da humanidade que privilegia a urgência, a rapidez, a eficácia imediata. Nós somos, hoje, confrontados com o “fast food” e com a “fast análise” proposta nas mídias sob a forma de terapias breves, cognitivas, rápidas, eficazes etc.

Trata-se de uma verdadeira questão: seria preciso ceder a essa moda do “bom e rápido” e tentar rearranjar os nossos protocolos ou, ao contrário, lutar para defender e impor aos pacientes uma psicanálise clássica de, no mínimo, três sessões semanais que levará anos...

Pessoalmente, acredito que se deva a todo preço conservar o espírito da psicanálise freudiana clássica. Isso não quer dizer negar a evolução proveniente da história; Freud recebia seus pacientes seis dias por semana e se queixava da “crosta de resistência da manhã de segunda-feira”. Suas análises, no entanto,

duravam um, dois ou no máximo três anos. A cura do Homem dos Ratos, por exemplo, começa em outubro de 1907 e chega ao fim em janeiro de 1909.

Em nossos dias, ninguém teria a ideia de propor uma análise de seis sessões semanais, nem de considerar uma cura terminada em 14 meses. Da mesma forma, passamos de cinco sessões para três ou quatro, e às vezes até mesmo duas – com o que não concordo, pois não acredito que um verdadeiro processo analítico que induza à regressão possa se instalar assim.

Penso, no entanto, que seja possível fazer trabalho analítico de qualidade face a face. Hoje, com a globalização, as viagens frequentes e os deslocamentos profissionais, muitos pacientes jovens não podem mais se comprometer com o protocolo clássico. Estimo que, ao invés de propor-lhes análises de divã instáveis, porque não regulares, eles possam se beneficiar de um trabalho analítico de face a face em um ritmo de uma sessão por semana, ou mesmo a cada 15 dias. No entanto, tais análises só podem ser conduzidas por analistas muito experientes. De fato, para divergir de maneira útil do quadro clássico, é preciso tê-lo praticado por muito tempo e tê-lo integrado profundamente.

## Idioma original

**3.Nous, psychanalystes, avons l’habitude de dire que nous sommes « en formation permanente ». Cependant, il semblerait que notre temps soit plus lent que le temps du monde, de l’histoire et de la culture. Les formations psychanalytiques – celles de l’IPA et bien d’autres – seraient-elles préparées aux transformations que traverse le monde ?**

Il me semble que ces deux dernières questions sont les deux faces d’une même interrogation. En effet nous sommes aujourd’hui contraints à nous demander ce que peut devenir la psychanalyse, lent travail de dés-enfouissement d’un passé refoulé ou écarté, travail qui privilégie la « voie longue » prônée par Freud en 1911 dans *Formulation sur les Deux Principes du Cours des Évènements psychiques*, (Freud, [1912] 1984), dans un moment de l’histoire de l’humanité qui privilégie l’urgence, la rapidité, l’efficacité immédiate. Nous sommes aujourd’hui confrontés au « fast food » et à la « fast analyse » proposée dans les médias sous forme de thérapies brèves, cognitives, rapides, efficaces.....etc. etc.

Il s’agit là d’une vraie question : faut-il céder à cette mode du « vite et bien » et chercher des aménagements de nos protocoles ou faut-il au contraire

nous battre pour défendre et imposer aux patients une psychanalyse classique de trois séances hebdomadaires minimum qui prendra des années...

Personnellement je crois qu'il faut à tout prix conserver l'esprit de la psychanalyse Freudienne classique. Ceci ne veut pas dire nier l'évolution due à l'histoire ; Freud recevait ses patients 6 jours par semaine et se plaignait de « la croute de résistance du Lundi matin ».

Ses analyses par contre duraient un, deux ou trois ans maximums ; La cure de l'Homme aux Rats par exemple débute en Octobre 1907 et prend fin en Janvier 1909.

De nos jours personne n'aurait l'idée de proposer six séances ni de considérer une cure terminée après 14 mois. De même nous sommes passés des cinq séances à trois ou quatre et parfois même à deux, ce avec quoi je suis en désaccord car je ne crois pas qu'un vrai processus analytique induisant la régression puisse s'installer ainsi.

Je pense par contre qu'il est possible de faire du travail analytique de qualité en face à face. Aujourd'hui avec la mondialisation, les voyages fréquents, les déplacements professionnels beaucoup de jeunes patients ne peuvent plus s'astreindre au protocole classique. J'estime qu'au lieu de leur proposer des analyses de divan bancales, car non régulières, ils peuvent bénéficier d'un travail analytique de face à face à des rythmes d'une séance par semaine ou même tous les 15 jours mais ces cures ne peuvent être mené que par des psychanalystes très expérimentés. En effet pour diverger utilement du cadre classique il faut en effet l'avoir longuement pratiqué et profondément intégré.

#### **4. Vivemos no tempo da pressa, da cultura do excesso, da imagem, do gozo irrefreável, da exigência por resultados a curto prazo. De que modo a cronologia da urgência e da produtividade afetam a clínica psicanalítica?**

**Jorge Bruce**

Seria absurdo pretender existir à margem do imperativo categórico; é assim que Kant se referia à consciência do tempo no sujeito. Essa lei moral kantiana que predomina na atualidade exige conquistas imediatas, em que o êxito deve estar associado a condições materiais e fama. Isso afeta não somente a técnica psicanalítica – cuja proverbial lentidão é contraintuitiva nessa época vertiginosa –, mas também a identidade dos psicanalistas. Uma coisa é com violão e outra com cajon (instrumento de música popular), como se diz no Peru.

O discurso oficial dos psicanalistas é o de resistir a esses cantos de sereia. Porém, todos sabemos na prática isso é falso. Muitos de nós, psicanalistas, sucumbimos a esse mandamento cultural do êxito material e das recompensas narcisistas. Ninguém está imunizado contra esse vírus insidioso e mutante. Ainda por cima quando temos de enfrentar a concorrência de uma diversidade de modelos terapêuticos: desde os mais sérios até os mais apegados à cultura *new age*. Em seu célebre poema “Ítaca”, Kavafis nos previne: “Nem Lestrigões nem Cíclopes, / nem o áspero Posêidon encontrarás, / se não os tiveres imbuído em teu espírito, / se teu espírito não os suscitar diante de si.”<sup>9</sup>.

Essas referências à Odisseia de Ulisses aludem à condição humana, é claro. De fato, em que pese se tratar de um elogio da viagem (Ulisses demorou vinte anos para regressar à ilha rochosa de Ítaca), Ulisses encontrou-se *sim* com todos esses obstáculos, que, de acordo com Kavafis, estavam em sua alma. Como estão na de todo ser falante, e nós, psicanalistas, certamente não somos a exceção. A clínica psicanalítica pode pretender existir à margem dessa viagem, em que a urgência nos impõe exigências ameaçadoras para o tempo da escuta, das associações livres e da atenção flutuante.

A tecnologia atual, especialmente no que diz respeito à análise remota, nos coloca um desafio ineludível. Nos anos em que tive o privilégio de representar a América Latina no Board da IPA, discutíamos apaixonadamente acerca da validade da análise nessas condições. Isso foi antes da pandemia de COVID, quando as objeções foram barradas pelas férreas exigências da realidade.

Isso não significa que a discussão tenha se esgotado. Foi algo como uma trégua, um espaço para pensarmos em como poderíamos preservar o essencial de nosso precioso método, sem ignorar as exigências determinantes do “novo normal”. Tenho a esperança de que essa experiência imprevisível, que nos desfamiliarizou a todos, tenha servido para sacudir-nos da monotonia em que muitos caímos, acreditando que nosso tempo era imutável. Nunca foi nem nunca será.

---

9. “Ítaca”, de Konstantinos Kavafis. Trad. Haroldo de Campos. Disponível em <https://talkingreek.wordpress.com/2016/04/05/itaca-por-konstantinos-kavafis/>.

## Idioma Original

### 4. Vivimos una época de prisas, de cultura del exceso, de imagen, de disfrute imparable, de exigencia por resultados a corto plazo. ¿Cómo afecta la cronología de la urgencia y de la productividad a la clínica psicoanalítica?

Sería absurdo pretender existir al margen del imperativo categórico; así se refería Kant a la conciencia del tiempo en el sujeto. Esa ley moral kantiana que predomina en la actualidad, exige logros apremiantes, en donde el éxito suele estar asociado a las condiciones materiales y la celebridad. Esto afecta no solo a la técnica psicoanalítica -cuya proverbial lentitud resulta contrainstitutiva en esta época vertiginosa-, sino a la identidad de los psicoanalistas. Una cosa es con guitarra y otra con cajón (instrumento de música popular) se dice en el Perú.

El discurso oficial de los psicoanalistas es el de resistir a esos cantos de sirena. Pero todos sabemos que en la práctica esto es falso. Muchos psicoanalistas sucumben a ese mandato cultural del éxito material y las recompensas narcisistas. Nadie está inmunizado contra ese virus insidioso y mutante. Máxime cuando debemos enfrentar la competencia de una multitud de modelos terapéuticos: desde los más serios hasta los más apegados a la cultura *new age*. En su célebre poema Ítaca, Kavafis nos previene: “Ni a los lestrigones ni a los cíclopes, ni al salvaje Poseidón encontrarás, si no los llevas dentro de tu alma, si no los yergue tu alma ante ti.”

Estas referencias a la Odisea de Ulises se refieren a la condición humana, claro está. Lo cierto es que, pese a ser un elogio del viaje (Ulises demoró veinte años en regresar a la isla rocosa de Ítaca), Ulises *sí* se topó con todos esos obstáculos que, de acuerdo a Kavafis, estaban en su alma. Como lo están en la de todo ser hablante, y los psicoanalistas ciertamente no somos la excepción. La clínica psicoanalítica no puede pretender existir al margen de ese viaje, en el que la urgencia nos impone unas exigencias amenazantes para el tiempo de la escucha, las asociaciones libres y la atención flotante.

La tecnología actual, señaladamente en lo que atañe al análisis remoto, nos plantea un reto ineludible. En los años que tuve el privilegio de representar a Latinoamérica en el Board de la IPA, discutíamos apasionadamente acerca de la validez del análisis en esas condiciones. Esto fue antes de la pandemia del COVID, en donde las objeciones fueron barridas por las férreas exigencias de la realidad.

Lo cual no significa que la discusión se haya agotado. Fue algo así como una tregua, un espacio para pensar en cómo podíamos preservar lo esencial de nuestro precioso método, sin ignorar las exigencias determinantes de la “nueva normalidad”. Tengo la esperanza de que esa experiencia imprevisible que nos desfamiliariizó a todos, haya servido para sacudirnos de la modorra en la que muchos habíamos caído, creyendo que nuestro tiempo era inmutable. Nunca lo fue y nunca lo será.

### **Maria Inês Lamy**

A psicanálise está inserida no mundo contemporâneo, mas também deve tomar distância em relação ao entorno. Nos tempos atuais, em que objetos são oferecidos para tamponar o mal-estar, cabe à psicanálise apontar para o impossível da satisfação plena. Só assim é possível, nas frestas das demandas exigentes, a abertura de uma posição desejante.

A psicanálise busca inserir um intervalo na exigência superegoica de produtividade, no excesso que se impõe como demanda do Outro social. Cabe salvaguardar, ou mesmo instaurar, o tempo do sujeito e do desejo, que se contrapõe à aceleração imposta pelo Outro. Para isso, é preciso que se entre em contato com a impossibilidade da satisfação absoluta. Entre o impulso e o ato deve-se presentificar o espaço da fantasia. O tempo para compreender, proposto por Lacan, mostra aí sua relevância.

Diante da exigência irrespirável que se impõe nos dias de hoje, a psicanálise deveria ocupar a função que Lacan (1974) lhe atribuiu certa vez: de um “pulmão artificial”. Ou, quem sabe, o analista possa ter a sabedoria que se atribui tradicionalmente aos mais velhos. Escreve Paulo Leminski (2013): “Só mesmo um velho/ para descobrir,/ detrás de uma pedra,/ toda a primavera” (p. 16).

### **Marília Aisenstein**

Parece-me que já respondi em parte esta última questão, no que concerne à realidade atual. É preciso fazer frente a essa onda que preconiza a urgência e os resultados a curto prazo. Mas o combate não está perdido, a meu ver, e isso ao menos por duas razões.

Primeiro, os resultados obtidos com as terapias breves, cognitivas ou outras podem se mostrar eficazes de imediato, mas não duram muito tempo. Aliás, questioneei-me sobre essas “melhoras rápidas” e diria que, ainda que tais terapias ignorem a força da transferência, é graças à transferência com um terapeuta,



qualquer que seja, que repousa a melhora em relação ao sintoma. A segunda razão diz respeito ao fato de que a psicanálise é a única terapia no mundo que ajuda e sustenta os processos de pensamento. Para além de toda melhora sintomática, a análise abre para o paciente vias da reflexividade e do pensamento. Para Hannah Arendt, viver e pensar são uma só e mesma coisa (Arendt, 2013).

Para terminar, gostaria de retornar à metapsicologia freudiana.

Em 1920, Freud substitui a primeira teoria das pulsões (libido sexual/auto-conservação) pela segunda, onde introduz uma pulsão de morte, que se combina e se opõe à libido. Freud foi levado a essa transformação em razão de fracassos clínicos ligados à reação terapêutica negativa, ao masoquismo clínico, às organizações que hoje nomeamos por “*borderline*”. A introdução da pulsão de morte é uma revolução porque se trata de uma força que separa e imobiliza. Em 1938, Freud a descreve ainda como “moção separadora” no *Esboço de psicanálise*. Isso quer dizer, para mim, que face à libido que impulsiona à criação de unidades cada vez maiores, essa instância separadora instala o “atraso”, e então, a temporalidade. O pensamento participa das duas pulsões; para refletir é preciso poder ligar, mas também separar.

## Idioma original

### **4. Nous vivons à une époque de précipitation, de culture de l'excès, de l'image, de la jouissance imparable, de l'exigence de résultats à court terme. Comment la chronologie de l'urgence et de la productivité affecte-t-elle la clinique psychanalytique ?**

Il me semble avoir déjà en partie répondu à cette dernière question en ce qui concerne la réalité actuelle. Il nous faut en effet tenir tête à cette vague qui prône l'urgence et les résultats à court terme.

Mais le combat n'est pas perdu, ceci à mon avis pour au moins deux raisons : Les résultats obtenus grâce aux thérapies brèves cognitives ou autres peuvent se montrer efficaces dans l'immédiat mais ne tiennent pas longtemps.

Je me suis d'ailleurs interrogée sur ces « améliorations rapides » et dirais que bien que ces thérapies ignorent la force du transfert c'est grâce au transfert sur un thérapeute, quel qu'il soit, que repose l'amélioration symptomatique.

La seconde raison réside en ce que la psychanalyse est la seule thérapie au Monde qui aide et soutient les processus de la pensée. Au-delà de toute amélioration symptomatique l'analyse ouvre pour le patient les voies de la réflexivité et de la pensée. Pour Hannah Arendt (vivre et penser sont une seule et même chose.

Pour terminer je voudrais retourner à la métapsychologie Freudienne. En 1920 Freud remplace la première théorie des pulsions : libido sexuelle/auto-conservation par la seconde où il introduit une pulsion de mort qui se combine et s'oppose à la libido. Freud a été amené à ce changement en raison d'échecs cliniques liés à la réaction thérapeutique négative, au masochisme clinique, aux organisations que nous nommons aujourd'hui « border-line ».

L'introduction de la pulsion de mort est une révolution car elle est une force qui sépare et immobilise. En 1938 Freud la décrit encore comme « motion séparatrice » dans *L'Abregé de Psychanalyse*. Cela veut dire, à mon sens, que face à la libido qui pousse à créer des unités de plus en plus grandes cette instance séparatrice installe le « délais », donc la temporalité. La pensée participe des deux pulsions, pour réfléchir il faut pouvoir lier mais aussi séparer.

### Referências (Jorge Bruce)

- Green, A. (1971). La déliaison. *Littérature*, 3, 33-52.
- Laplanche, J. & Pontalis, J.-B. (1967). *Vocabulaire de la psychanalyse*. PUF.
- Méndez, C. (2000). *Incas sí, indios no: Apuntes para el estudio del nacionalismo criollo en el Perú*. Instituto de Estudios Peruanos.
- Mijolla, A. (2005). *Dictionnaire International de la Psychanalyse*. Grand Pluriel.

### Referências (Maria Inês Lamy)

- Freud, S. (1962a). Screen memories. In S. Freud, *Standard edition*: Vol. III. Hogarth Press. (Trabalho original publicado em 1899).
- Freud, S. (1962b). The interpretation of dreams. In S. Freud, *Standard edition*: Vol. IV. Hogarth Press. (Trabalho original publicado em 1900).
- Freud, S. (1962c). On transience. In S. Freud, *Standard edition*: Vol. XIV. Hogarth Press. (Trabalho original escrito em 1915 e publicado em 1916).
- Lacan, J. (1974). Déclaration à France Culture a propos du 28<sup>e</sup> Congres International de Psychanalyse. *Le Coq-Héron*, 46/47, 3-8.
- Lacan, J. (1979). *O seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1963-64).
- Lacan, J. (1998a). O tempo lógico e a asserção da certeza antecipada. In J. Lacan, *Escritos*. Jorge Zahar.

- Lacan, J. (1998b). Função e campo da palavra e da linguagem. In J. Lacan, *Escritos*. Jorge Zahar.
- Lacan, J. (2003). Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. In J. Lacan, *Outros escritos*. Jorge Zahar.
- Lacan, J. (2005). *El triunfo de la religión, precedido de Discurso a los católicos*. Paidós.
- Leminski, P. (2013). *Toda poesia*. Companhia das Letras.

## Referências (Marília Aisenstein)

- Arendt H. *La Vie de l'Esprit* PUF tome I, 2013.
- Green, A. *From the ignorance of time to the murder of time. From the murder of time to the misrecognition of temporality in psychoanalysis*. Bulletin of the European psychoanalytical Federation, 2007, 61: 78-84.
- Green, A. *Le Temps Éclaté*, in Éditions de Minuit, 2000.
- Freud S. (1912) in *Résultats, Idées, Problèmes I* Paris PUF 1984
- Freud S (1938) *Abrégé de Psychanalyse* Paris, PUF, 1975.
- 

### Tradução do francês: Maria Izabel Varella

varellabel@gmail.com

### Tradução do espanhol: Tomás Sertã

Tomas.serta@gmail.com

### Jorge Bruce

jbrucex6@gmail.com

### Maria Inês Lamy

mariaineslamy@gmail.com

### Marília Aisenstein

Marilia.aisenstein@gmail.com